

Ministério do Turismo, Secretaria Municipal de Cultura e Pivô apresentam:

UMA
HISTÓRIA
NATURAL
DAS
RUÍNAS

/

P
I
V
Ô

Candice Lin
Cristiano Lenhardt
Daniel Steegmann
Mangrané
David Bestué
Denilson Baniwa
Elvira Espejo Ayca
Isuma
Janaina Wagner
Lina Mazonett e
David Quiroga
Loudgi Beltrame
max willà morais
Minia Biabiany
Paloma Bosquê
Sheroanawe Hakihiiwe

curadoria
Catalina Lozano

UMA HISTÓRIA NATURAL DAS RUÍNAS é uma exposição coletiva que explora diferentes formas de resistência aos modos como o imaginário colonial moderno hegemônico tem capturado nossa imaginação. Com base em diversas práticas artísticas, esta exposição busca oferecer oportunidades para pensar sobre a cura no que a autora Anna Tsing chama de “sobrevivência precária”. A mostra também tenta abordar as implicações da representação fora da linguagem, a fim de explorar outras tecnologias e formas de inteligência que não as humanas.

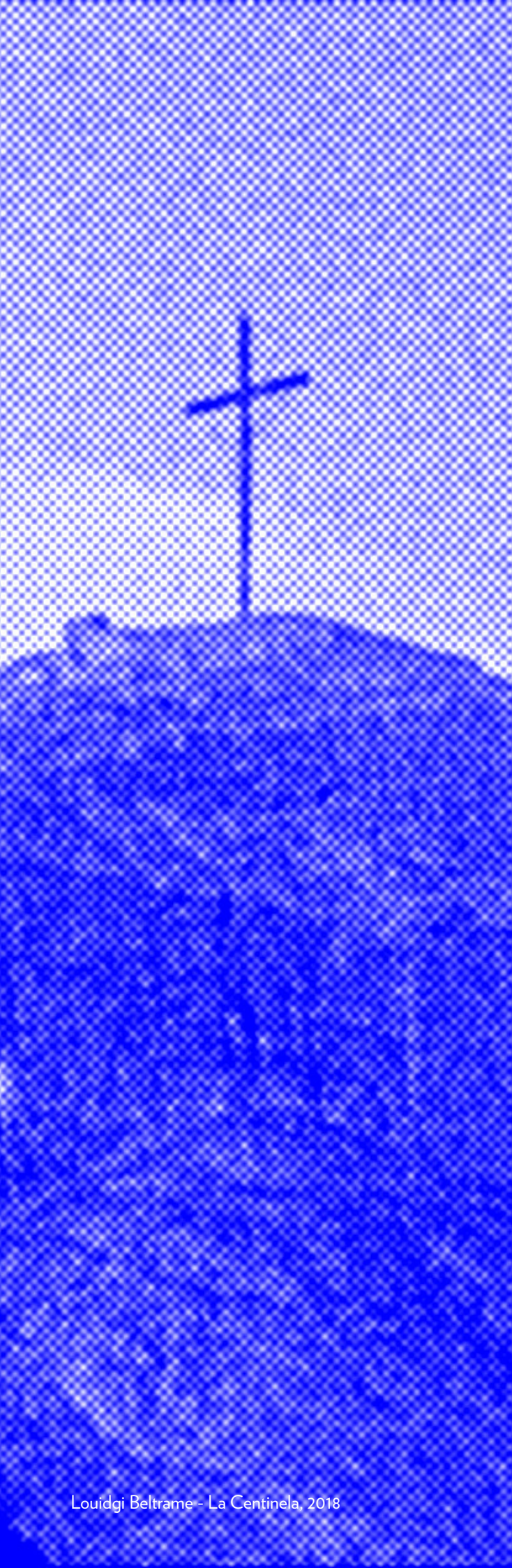
No centro da exposição está uma crítica à divisão moderna entre natureza e cultura e suas implicações ontológicas. Por meio de uma série de processos históricos, alguns humanos se separaram da natureza e, portanto, a fabricaram como uma categoria¹. Os regimes coloniais propagam essa noção por meio da educação e da exploração, normalizando a natureza como um “recurso” à disposição dos humanos. Como aponta a etnógrafa Marisol de la Cadena “em vez da negação da humanidade, a colonização possivelmente parte da imposição da humanidade ao colonizado - o que designa modos específicos de ser pessoa”². Por exemplo, nomear pode ser um ato de violência colonial, como apontado por Davi Kopenawa ao descrever como os brancos chegaram à floresta e distribuíram nomes aos Yanomami, impondo uma forma (colonial, unívoca) de ser pessoa. Em seu livro *How Forests Think* [Como as Florestas Pensam], o antropólogo Eduardo Kohn se propõe a “nem acabar com o humano, nem reescreve-lo, mas abri-lo”³. Talvez possamos, por meio dessa abertura de categorias, especular sobre como pessoas não-humanas podem participar de interpretações antropocêntricas da extinção.

Uma História Natural das Ruínas se propõe a pensar sobre a representação da “natureza”, ao mesmo tempo em que questiona a natureza da representação. Donna Haraway oportunamente se dispôs a responder: “o que é tido como natureza, para quem e quando, e quanto custa produzir a natureza em um de-

1 Nesse sentido, reconhecemos “natureza” como uma categoria cultural.

2 Marisol de la Cadena, “Earth-beings: Andean indigenous religion, but not only” in Keiichi Omura, Grant Jun Otsuki, Shiho Satsuka, Atsuro Morita (Eds.), *The World Multiple: The Quotidian Politics of Knowing and Generating Entangled Worlds* (Oxon and New York: Routledge, 2019), p. 30.

3 Eduardo Kohn, *How Forests Think: Towards an Anthropology beyond the Human* (Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press, 2013), p. 6.



terminado momento da história para um determinado grupo de pessoas”. Ela, portanto, identifica os processos históricos e as operações semióticas necessárias, não apenas para normalizar a natureza como uma categoria colonial e imperial, mas também para produzir e reproduzir a narrativa do “homem universal”⁴ como dominante. A noção de natureza originalmente derivada do verbo “nascer”, ou seja, da geração e experiência de vida, ao contrário da definição moderna dela como “todas as coisas desumanas”, implica uma relação quase antagônica baseada em uma divisão binária cristã de alma e corpo, que mais tarde seria secularizada na modernidade europeia como razão e corpo. Ao reconhecer a genealogia da palavra, talvez possamos imaginar e performar algo diferente de uma moralidade antropocêntrica e humanista. Além disso, é em grande parte por meio do conhecimento e das práticas ecológicas dos povos indígenas que essas categorias coloniais em funcionamento têm sido produtivamente desafiadas.

A transformação de museus de “história natural” em museus de “ciências naturais” parece sugerir uma mudança retórica de “história” como um exercício narrativo para a “ciência” como observação desinteressada e objetiva que alcança

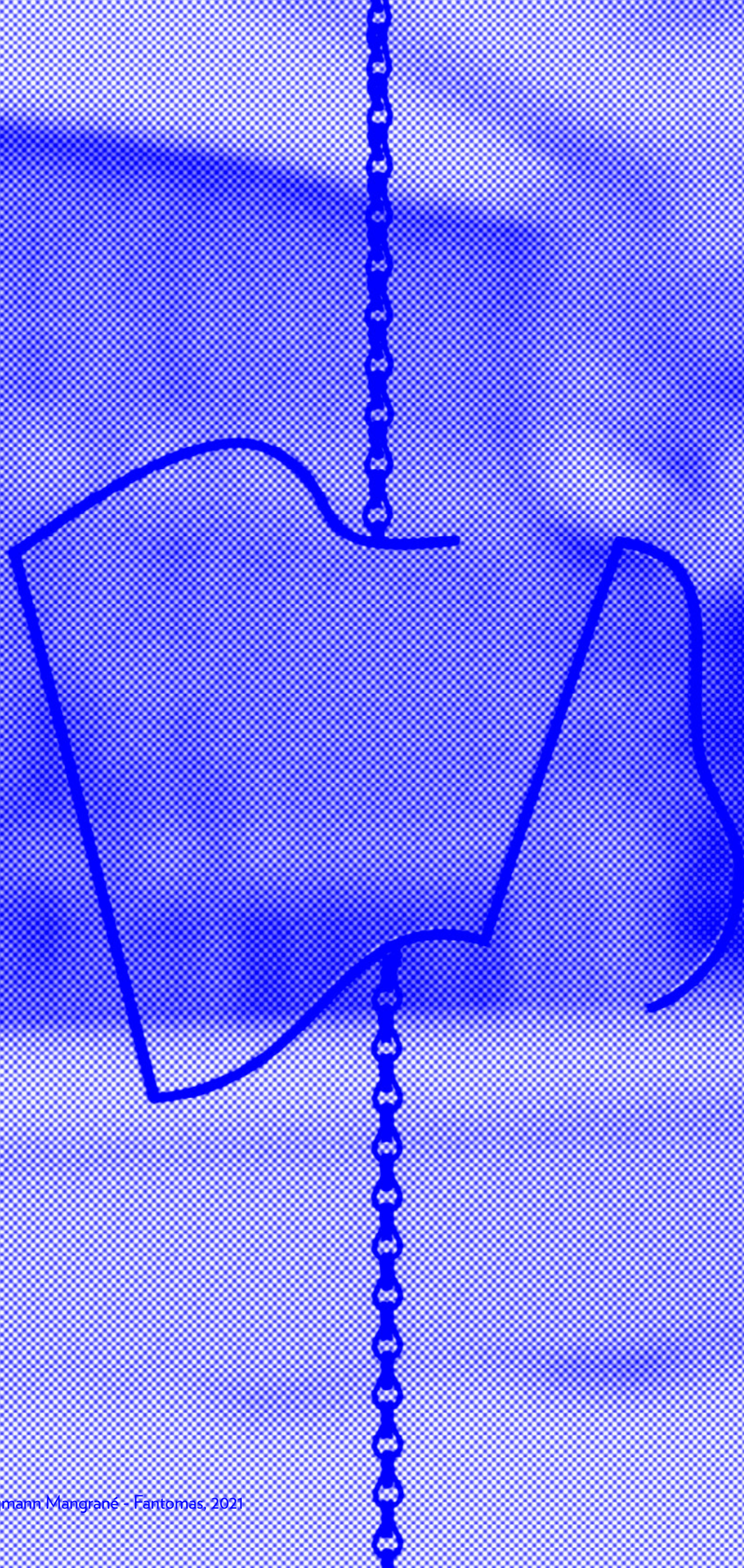
4 Donna Haraway, “The National Geographic” on Primates (Paper Tiger TV, 1987). Disponível em <https://vimeo.com/123872208>

a separação total de sujeitos (humanos) de objetos (não-humano, outro-que-humano, mas também pessoas humanas submetidas à pesquisa científica). Nesse processo, a história é neutralizada politicamente e a ciência ocidental destituída de seu racismo estrutural. Ao alargar as definições dominantes de tecnologia para incluir algumas que não são inerentes e à noção ocidental de progresso, a arte pode abrir um mundo de multiplicidades onde a realidade criada pela colonização é finalmente revelada como uma construção brutal, mas eficaz na consolidação de uma imagem malfadada de progresso. Para a filósofa da ciência Isabelle Stengers, “ecologia é a ciência das multiplicidades, das causalidades heterogêneas e das criações não intencionais de significado”⁵, uma definição que evoca certa imanência da experiência, ou seja, um envolvimento não prescrito com a realidade. Ailton Krenak, por sua vez, a define como “estar dentro da terra, dentro da natureza. Ecologia não é adaptar a natureza à sua vontade. É estar submetido à vontade da natureza”⁶. Desse modo, as ruínas ambientais produzidas na atualidade podem ser parcialmente consideradas como projeções de um inconsciente modernista.

Artistas incluídos na exposição enfrentam a brutalidade das categorias e práticas binárias modernas, a fim de mostrar, cada um à sua maneira, como as coisas se entrelaçam e, nas palavras de Max Willa Morais, “dançar com a violência do mundo”.

5 Isabelle Stengers, *La guerre des sciences* (Paris y Le Plessis-Robinson: La Découverte / Les Empêcheurs de penser en rond, 1996), p. 61-62. Tradução da autora.

6 Ailton Krenak e Maurício Meirelles, “Our Worlds are at War” (e-flux journal nº 110, junho de 2020), <https://www.e-flux.com/journal/110/335038/our-worlds-are-at-war/>



CANDICE LIN

Candice Lin (Concord, EUA, 1979) vive e trabalha em Los Angeles. Lin trabalha com instalação, desenho, vídeo e materiais e processos vivos, interrogando as maneiras como as histórias de poder e marginalidade são inscritas nos corpos e no mundo natural. Ela costuma criar ambientes escultóricos que respiram, filtram, fermentam e se decompõem, trabalhando com um arsenal de formas esculturais que incluem objetos finamente trabalhados, organismos, como plantas, insetos, bactérias e compostos naturais. Ela recebeu seu mestrado em Novos Gêneros no San Francisco Art Institute em 2004 e seu duplo bacharelado em Artes Visuais e Semiótica de Arte na Brown University em 2001.

CRISTIANO LENHARDT

Cristiano Lenhardt (Itaara, Brasil, 1975) vive e trabalha no Recife. A obra de Lenhardt explora as narrativas que entrelaçam a cultura pop e a cultura de massa, a construção de mitos e lendas e uma reflexão sobre as formas como seres humanos, animais e objetos se relacionam. A sua prática não privilegia um meio acima do outro, mas antes abrange filme, performance, instalação, escultura, fotografia, desenho e gravura. O artista cria peças que fazem referência a diferentes fontes, incluindo folclore, história da arte, literatura fantástica e ficção científica, deixando sua pesquisa ser guiada não por um conceito pré-estabelecido, mas por uma série de exercícios de escrita, desenho e manipulação de materiais de diferentes origens que vão sendo modelados, montados, dobrados e trazidos à vida.

DANIEL STEEGMANN MANGRANÉ

Daniel Steegmann Mangrané (Barcelona, Espanha, 1977) vive e trabalha no Rio de Janeiro. A obra de Mangrané examina a área nebulosa que existe entre noções estritamente opostas na cultura ocidental, como cultura e natureza, sujeito e objeto, realidade e devaneio, visto e oculto. O artista combina diversos elementos, como o natural com o artificial, ou os coloca em ambientes estranhos. Ao fazer isso, fabrica situações em que hierarquias predeterminadas se desfazem e as fronteiras de coisas aparentemente inversas se dissolvem para fornecer novas perspectivas de meio-termo. Sua prática abrange uma vasta gama de suportes, incluindo cinema, escultura, som, jardins e desenho, com enfoque na criação e migração de formas entre natureza, arte e arquitetura.

DAVID BESTUÉ

David Bestué (Barcelona, Espanha, 1980) vive e trabalha em Barcelona. Artista e escritor interessado na relação entre texto, escultura e arquitetura. Sua prática experimenta ideias extraídas da poesia, história da arte e arquitetura, testando até onde elas podem ser levadas literalmente e conceitualmente. Ao fazer pequenas alterações nos cenários público e doméstico, suas obras criam situações que questionam nossas convenções de comportamento, e buscam estabelecer vínculos temporários e frágeis entre as formas permanentes e a presença de elementos transitórios, tanto humanos quanto inanimados, no espaço.

DENILSON BANIWA

Denilson Baniwa (Barcelos, Brasil, 1984) vive e trabalha no Rio de Janeiro. As obras de Baniwa retratam sua experiência como Ser indígena hoje, mesclando referências indígenas tradicionais e contemporâneas e se apropriando de ícones ocidentais para comunicar o pensamento e a luta dos povos originários. Sua prática inclui diversos suportes e mídias, como pintura, instalações, mídias digitais e performance. Como ativista pelos direitos dos povos indígenas, desde 2015, ministra palestras, oficinas e cursos nas regiões Sul e Sudeste do Brasil e também na Bahia. Baniwa frequentemente se apropria de referências culturais ocidentais para descolonizá-las em sua obra; ele é conhecido por questionar paradigmas e abrir caminhos para que povos indígenas em territórios nacionais sejam protagonistas de suas próprias histórias.

ELVIRA ESPEJO AYCA

Elvira Espejo Ayca (Ayllu Qaqachaca, Bolívia, 1981) é uma artista visual, tecelã e narradora da tradição de sua cidade natal na província de Avaroa, Oruro. Falante de aimará e quíchua, ela é coautora de várias publicações, incluindo *Hilos sueltos: Los Andes desde el textil* (2007), *Ciencia de las Mujeres* (2010), *Ciencia de Tejer en los Andes: Estructuras y técnicas de faz de urdimbre* (2012) e *El Textil Tridimensional: El Tejido como Objeto y como Sujeto* (2013). Foi diretora do Museu Nacional de Etnografia e Folclore de La Paz, Bolívia, entre 2013 e 2020, e recebeu o Prêmio Eduardo Avaroa na especialidade Artes Têxteis Nativas, em 2013.



ISUMA

Isuma, que significa “pensar”, é um coletivo de empresas de propriedade Inuit com sede desde 1990 em Igloolik, Nunavut, com um escritório em Montreal. Em janeiro de 1990, quatro sócios Zacharias Kunuk, Paul Apak, Pauloosie Qulitalik e Norman Cohn incorporaram a Igloolik Isuma Productions Inc. para produzir e distribuir filmes independentes em língua inuit, apresentando atores locais recriando a vida inuit na região de Igloolik nas décadas de 1930 e 1940. Nos dez anos seguintes, Isuma ajudou a estabelecer um centro de artes de mídia Inuit, o NITV; um grupo de mídia e circo juvenil, Artcirq; e um coletivo de vídeo feminino, Arnait Video Productions. Em 2001, o primeiro longa-metragem de Isuma, *Atanarjuat The Fast Runner*, ganhou a Camera d’or no Festival de Cannes; o segundo longa de Isuma, *The Journals of Knud Rasmussen*, abriu o Festival Internacional de Cinema de Toronto de 2006. Em 2004, Isuma incorporou a Isuma Distribution International e em 2008 lançou o IsumaTV www.isuma.tv, o primeiro site mundial de arte de mídia indígena que agora exibe mais de 7.000 filmes e vídeos em 84 idiomas. O projeto de arte-mídia de Isuma representou o Canadá na Bienal de Veneza de 2019 com seu mais novo longa, *One Day in the Life of Noah Piugattuk*, que foi exibido no Festival Internacional de Cinema de Toronto e ganhou o prêmio de Melhor Filme Canadense no Festival Internacional de Cinema de Vancouver 2019.

JANAINA WAGNER

Janaina Wagner (São Paulo, Brasil, 1989) vive e trabalha entre São Paulo e Roubaix. A pesquisa da artista explora aspectos da

tentativa de controle do ser humano de seu meio ambiente, principalmente por meio de processos civilizatórios voltados para o domínio da natureza, ignorando sua fragilidade e finitude. Sua prática abrange uma ampla gama de mídias, incluindo instalações, vídeo, fotografia, desenho, pintura e cenografia. Muitas das referências de Wagner derivam dos procedimentos através dos quais a humanidade registra e articula seu progresso e legado. Tendo estudado Belas Artes e Jornalismo, ela aborda e questiona os mecanismos que validam uma história como verdadeira – olhando de perto cada constelação de contos, fatos e imagens. Wagner desenvolve sua obra plástica em um processo de “decupagem”, rearticulando imagens e textos já inseridos na circulação midiática.

LINA MAZENETT & DAVID QUIROGA

Lina Mazenett (Bogotá, Colômbia, 1989) e David Quiroga (Bogotá, Colômbia, 1985) vivem e trabalham em Bogotá. Em seus projetos, a dupla explora a inter-relação entre organismos e os erroneamente denominados “recursos” do meio ambiente, sua distribuição e resignificação através da cultura. Os artistas refletem sobre a temporalidade, a origem e o simbolismo de alguns elementos fundamentais da economia mundial, como diversos minerais e derivados de petróleo muito presentes em nosso cotidiano, conectando o ser humano a tempos geológicos remotos. Sua prática abrange uma ampla gama de meios e é inspirada por um diálogo entre a mitologia do povo amazônico e certos campos da ciência ocidental, como geologia, astronomia e economia. Por meio de seu trabalho, eles tentam reconectar elementos comuns e cotidianos com o conhecimento antigo e o tempo mítico.



LOUDGI BELTRAME

Louidgi Beltrame (Marselha, França, 1971) vive e trabalha em Mulhouse, França. Seu trabalho é baseado em modos de documentação da organização humana ao longo da história do século XX. Ele viaja para locais definidos por uma relação paradigmática com a modernidade: Hiroshima, Rio de Janeiro, Brasília, Chandigarh, Chernobyl ou a colônia mineira de Gunkanjima, sobre o mar perto de Nagasaki. Seus filmes – baseados no registro da realidade e na constituição de um arquivo – apelam à ficção como uma maneira possível de considerar a História. Mais recentemente, seus projetos o levaram a sítios arqueológicos no deserto costeiro do Peru: El Brujo, ruínas culturais de Moche e as Linhas de Nazca que ele conectou, respectivamente, à história do cinema francês “New Wave” e à Land art americana dos anos 1970. Concluiu em 2018, Mesa Curandera um projeto colaborativo com José Levis Picón, um xamã peruano que conheceu em 2015.

MAX WÍLLÀ MORAIS

max wíllà morais (Rio de Janeiro, Brasil, 1993) vive e trabalha entre Rio de Janeiro e São Paulo. Artista e escritora, graduada em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2016), mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2019-2021) e bolsista na Escola de Artes Visuais do Parque Lage em Mediação (2014) e no Programa Formação e Deformação (2019-2020). Seus trabalhos de desenho, fotografia, instalação, costura e aparição mobilizam histórias, geografias e as relações materiais e imateriais que podem surgir entre o mundo e as coisas vivas. Elabora também experiências

visíveis e invisíveis a partir da diáspora preta e dos encontros tanto familiares quanto incomuns. max foi indicada ao prêmio PIPA em 2020 e expôs na galeria A Gentil Carioca, no Museu de Arte do Rio, Paço Imperial do Rio de Janeiro e, ao lado de Leonilson, no espaço de arte Auroras, em São Paulo.

MINIA BIABIANY

Minia Biabiany (Basse-Terre, Guadalupe, 1988) vive e trabalha em Guadalupe. Em sua prática, Minia Biabiany utiliza a desconstrução de narrativas por meio de instalações, vídeos e desenhos e constrói poéticas efêmeras de formas em relação às realidades coloniais. Seu trabalho começa com uma investigação sobre a percepção do espaço e explora o paradigma relacionado ao processo de tecelagem e a noção de opacidade na linguagem visual, oral e escrita. Iniciou o projeto coletivo artístico e pedagógico Semillero Caribe em 2016 na Cidade do México e continua a explorar a desconstrução de narrativas com o corpo e conceitos de autores caribenhos com sua plataforma pedagógica e experimental Doukou.

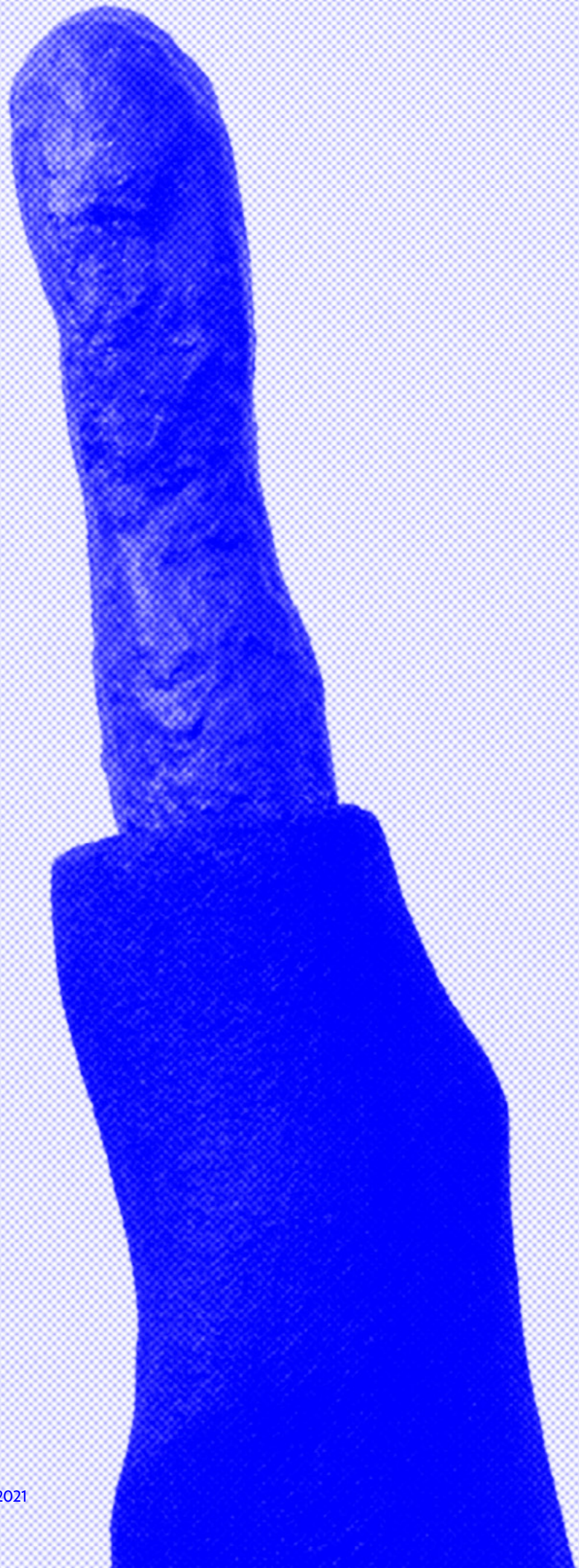
PALOMA BOSQUÊ

Paloma Bosquê (Garça, Brasil, 1982) vive e trabalha em São Paulo. Sua pesquisa baseia-se principalmente em sua prática diária no estúdio. Lá, ela lida e associa livremente materiais que não são típicos da escultura, criando composições de diferentes formatos e escalas. Em uma busca constante por um equilíbrio possível e consensual entre seus elementos selecionados, a artista

geralmente desenvolve métodos específicos para combinar, justapor e mesclar materiais sem nunca forçá-los a uma interação definitiva. Experimentando a textura, o peso e o equilíbrio de seus materiais, Bosquê cria paisagens visuais extremamente delicadas que exploram a transitoriedade da matéria e da impermanência. Suas obras nos lembram a fragilidade dos acordos que unem tudo o que consideramos permanente ou definitivo.

SHEROANAWÉ HAKIHIIWE

Sheroanawé Hakihiwe (Sheroana, Venezuela, 1971) vive e trabalha em Pori Pori, comunidade Yanomami, El Alto Orinoco. Artista indígena que, desde os anos 1990, desenvolve um trabalho que visa resgatar a memória oral de seu povo, de sua cosmogonia e tradições ancestrais, da fabricação de papéis artesanais, da edição de livros elaborados com sua comunidade e, mais recentemente, do desenho como ferramenta para representá-los. Sua experiência no campo da criação começa em 1992, quando aprende a fazer papel artesanal com fibras nativas como Shiki ou Abaca, sob a tutela da artista mexicana Laura Anderson Barbata. Juntos, eles fundariam o projeto comunitário Yanomami Owëmamotima (A arte Yanomami de papel de jogo), uma iniciativa pioneira e auto-sustentável a partir da qual os primeiros livros artesanais foram publicados até hoje – escritos e ilustrados – a partir de uma experiência coletiva da comunidade.



EQUIPE DA EXPOSIÇÃO

Curadora
Catalina Lozano

Assistente de curadoria
Maria Emília Fernandez

Fabricação de obras
Oficina São João

Montador
Miguel Freitas

Equipamentos Audiovisuais
Fusion Audio

Registro fotográfico
Everton Ballardin

Documentação em vídeo
Pedro Marques

Tradução e Revisão
Adriana Francisco

Monitoria
Alan Ariê

Acessibilidade
Ktalise

Orientação de público
Severino Rogério Silva

PIVÔ

Direção artística
Fernanda Brenner

Direção de desenvolvimento
Paula Signorelli

Coordenação de produção
Carolina Câmara

Curadoria
Leo Felipe

Atendimento ao público
Luiza Branco

Produção Pivô Pesquisa
Raquel Sena

Zeladoria e montagem
Matias Oliveira

Assistência institucional
Jessica Gonçalves

Apoio administrativo
Luana Lima

Limpeza e manutenção
Cristina Guerra

Assessoria de imprensa
INDEX

Assessoria Financeira
2P Financeiro

Assessoria jurídica
Pannunzio Trezza Donnini Advogados

Contabilidade
Quality Contabilidade

AGRADECIMENTOS

Aos artistas, **ABRA Galería**, **Andrés Moreno**, **Consulado Francês**, **Frances Reynolds**, **François Ghebaly Gallery**, **Galeria Fortes d'Aloia & Gabriel**, **Galeria Sé**, **Instituto de Visión**, **Jorge Satorre**, **Jousse Entreprise**, **Maclmport**, **María Emilia Fernández**, **Mendes Wood DM**, **Perrine Warmé-Janville**, **Rafaela Campos**, **Trampoline**

PIVÔ AGRADECE AOS SEUS MANTENEDORES

Alexandra Mollof, **Almeida e Dale**, **Ana e Marco Abrahão**, **Andrea Pereira e José Olympio da Veiga Pereira**, **Bergamin & Gomide**, **Carbono Galeria**, **Coleção Coletiva**, **Fabiana Brenner**, **Fernando Marques Oliveira**, **Fortes D'Aloia & Gabriel**, **Galeria Kogan Amaro**, **Galeria Luisa Strina**, **Galeria Millan**, **Galeria Nara Roesler**, **Georgiana Rothier e Bernardo Faria**, **Graham Steele e Ulysses de Santi**, **José Leopoldo Figueiredo**, **Marcelo Tilkian Maia**, **Mendes Wood DM**, **Vera e Luiz Parreiras**, **Virgínia e Daniel Weinberg**, **Vivien Hertogh e Jairo Okret + Aqueles que preferiram permanecer anônimos**

UMA HISTÓRIA NATURAL DAS RUÍNAS

20 de fevereiro a 17 de abril de 2021
entrada gratuita
consulte classificação indicativa

patrocínio / sponsor



co-patrocínio / co-sponsor

incentivador / incentive



apoio exposição / exhibition support



parceiro / partner



realização / realization



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA | MINISTÉRIO DO TURISMO

